

DA NOOLOGIA DE RUDOLF STEINER À PESQUISA CONSCIENCIOLÓGICA

Cilene Gomes

RESUMO: A participação da consciência no campo da produção de conhecimentos conscienciológicos é inquestionável. O desafio de reflexão, proposição e identificação dos métodos conscienciológicos é pertinente e necessário para qualificar a cientificidade e autocientificidade das pesquisas sobre a consciência integral. O discernimento interparadigmático é recurso valioso para a construção de fundamentos, métodos e abordagens convergentes e úteis à Conscienciologia. Com esse entendimento, este artigo propõe-se a apontar relações entre a cosmovisão goethiana e a noociência de Steiner, e aí apoiar-se para reconhecer interfaces conscienciológicas e contribuir ao campo de pesquisa das relações entre intraconsciencialidade, parapsiquismo e multidimensionalidade.

Palavras-chave: cosmovisão; noociência; pensamento; intraconsciencialidade; multidimensionalidade.

INTRODUÇÃO

Participação. É difícil cogitar alguma investigação científica que não se dê com a participação do pesquisador que a propõe. A neutralidade e separação do sujeito do conhecimento em relação ao seu objeto há muito têm sido questionadas e ultrapassadas por novas verdades relativas (Bruyne *et al.*, 1982).

Inconformidade. Naturalmente, entende-se que na pesquisa conscienciológica, estando a consciência em constante evolução e ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa, laboratório e fonte de métodos e técnicas, essa hipótese de a pesquisa de não participação está fora de cogitação. Portanto, toda investigação a respeito de métodos participativos procede e é fundamental se a busca de cientificidade e autocientificidade for levada a sério.

Desafio. Pode ocorrer com o pesquisador iniciante em Conscienciologia o desconhecimento de possibilidades, condições e implicações do método de investigação quando o objeto da busca de conhecimento é, dentre outros, a intraconsciencialidade, a holomemória, o parapsiquismo ou a multidimensionalidade e, ainda, quando o método não for entendido simplesmente na acepção de procedimentos ou técnicas de coleta e análise de dados e informações.

Precaução. A dinâmica da consciência é complexa e, muitas vezes, imponderável, e sua pesquisa e compreensão igualmente. Por isso, para não incorrer em ausência de autocientificidade, reducionismo metodológico e resultados simplórios ou equivocados, interessa ao pesquisador conscienciológico promover

o discernimento interparadigmático em vista de cotejar fundamentos e métodos de estudo da consciência integral para compreender e facultar o acesso do pesquisador ao universo consciencial, em sua interioridade e exterioridade, e em sua dinâmica de conexões interdimensionais.

Domínios. Para elucidar a participação do pesquisador em sua pesquisa sobre a realidade consciencial que o constitui e engloba, de fato, faz-se necessário reconhecer domínios e interrelações de proposições metodológicas inerentes ao paradigma consciencial e, no caso desta pesquisadora, a outros paradigmas do conhecimento científico, sobretudo no campo das ciências humanas e sociais.

Metodologias. No geral, metodologias participativas mais conhecidas neste último campo epistêmico não se destinam à autopesquisa da consciência do pesquisador, mas consistem em aproximações do pesquisador ao campo de pesquisa (por meio de observação direta) e/ou aos sujeitos eleitos para a realização de suas pesquisas, tendo a finalidade de incorporar a participação de tais sujeitos no processo de construção do conhecimento pretendido. O que se dá mediante técnicas como a aplicação de questionários ou entrevistas, história oral e coleta de histórias de vida, grupos focais e outras, ainda, a etnografia, cartografias sociais, mapeamentos colaborativos, etc.

Esforços. No contexto das pesquisas conscienciológicas, nestas, sim, e em boa medida, a participação do pesquisador em processos de autoconhecimento é a premissa, o caminho e o objetivo. Esforços consistentes estão sendo envidados¹ para inventariamento e classificação de métodos conscienciológicos (Zaslavsky, 2021; 2020; 2019; 2018), contudo, na percepção desta autora os caminhos metodológicos adotados por muitos interessados na pesquisa conscienciológica, iniciantes na formação científica, resumem-se à aplicação de técnicas conscienciológicas de autopesquisa, apoiadas em fundamentos compreensivos de especialidades e temáticas variadas e, em alguns casos, técnicas de coleta de dados das ciências humanas e sociais acima referidas também têm sido utilizadas, a exemplo de questionários, entrevistas e grupos focais.

Autopesquisa. Em esforços individualmente realizados por esta autora, a autopesquisa tem sido desenvolvida por meio de relatos e análises de eventos projetológicos (Sivelli e Gregório, 2020), recorrentes (Lopes, 2014) e sincronísticos; análise de medidas da consciência tomadas pelos traços conscienciais (traços-força, fardos e faltantes); recuperação mnemônica ou anamnese (Zaslavsky, 2021); observação direta e reflexão acerca de relações grupocármicas apoiadas na compreensão das etapas do curso grupocármico e seus parâmetros (Vieira, 1994).

1. Conforme informado por Alexandre Zaslavsky no *Consciência em debate*, Intercampi, de 16-06-2021, cuja temática foi Método Científico e Conscienciológica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JPUvhGyiuE>.

Além disso, estudos de fundamentação teórica e empírica têm sido gerados mediante abordagens interparadigmáticas de temáticas e/ou fenômenos conscienciológicos selecionados, baseadas em fatos, experiências, leitura histórica e revisão bibliográfica pertinente.

Motivação. Levando em conta a convergência entre a presente chamada proposta pela *Revista Interparadigmas* e algumas leituras discutidas em grupos de estudos e colégios invisíveis², parte-se da motivação temática e necessidade de compreender a participação da Consciência em pesquisas e autopesquisas, com o objetivo geral de reunir fundamentos para discutir a forma de cientificidade da Conscienciológica, a qualificação da autocientificidade e a cognoscibilidade da realidade da consciência integral.

Questões. Duas perguntas surgiram, derivadas deste objetivo: quais faculdades intraconscienciais participam da dinâmica de construção-reconstrução do conhecimento? E mais particularmente: quais as perspectivas interparadigmáticas de fundamentação e autoexperimentação para o estudo e a pesquisa da intraconsciencialidade e da multidimensionalidade?

Cognição. Por hipótese, a participação do pesquisador se dá mediante os processos de atividade consciencial interna que confluem na cognição da realidade em estudo, envolvendo observação, percepção, representação mental, conceituação, intuições ideativas, ou ainda, imaginação e faculdades suprassensíveis.

Seções. Naturalmente, pretende-se apenas esboçar um princípio de resposta a tais questões e, dessa forma, pontuando possibilidades de desenvolvimento futuro, o trabalho organiza-se em duas seções e procura: primeiro, resgatar, a partir do método cognitivo de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) (Steiner, 2004), os entendimentos de Rudolf Steiner (1861-1925) sobre a dimensão do pensar (Steiner, 2000; 2004) e a aspiração ao conhecimento dos mundos superiores (Steiner, 2010), onde atuam entidades espirituais; e segundo, reportar-se às proposições conscienciológicas de participação da Consciência nas pesquisas da realidade intrafísica e extrafísica, para avaliar a aplicabilidade dos fundamentos para uma teoria do conhecimento (trazidos na primeira seção) nos estudos voltados à intraconsciencialidade, a multidimensionalidade, a cientificidade e autocientificidade da Conscienciológica.

2. Refiro-me sobretudo à participação em dois grupos de estudo, um, centrado nos Educadores Históricos, atividade inaugural do Colégio Invisível de Reeducação, e outro, externo ao ambiente conscienciológico, sobre a obra de C. G. Jung.

1. A NOOCIÊNCIA DE RUDOLF STEINER A PARTIR DA COSMOVISÃO DE GOETHE

Conexão. Em incursões de estudo recentes (Steiner, 2000; 2004), chegou-se ao conhecimento de que, para além de sua disposição literária e artística, Goethe deixa um legado científico que estreita a conexão com o pensamento de Rudolf Steiner, justamente no momento em que Steiner, já estudioso de Goethe, torna-se encarregado da edição de seus escritos científicos a partir de 1883.

Livros. Essa confluência estruturante entre a cosmovisão de Goethe e o pensamento de Steiner pode ser apreciada em dois livros deste último autor, *O Método Cognitivo de Goethe* e *A Filosofia da Liberdade*, cujas edições originais datam, respectivamente, de 1886 e 1894.

Noologia. Os dois livros ajudam a compreender as bases filosóficas das alusões posteriores de Steiner às suas investigações noológicas, em parte trazidas no livro *O Conhecimento dos Mundos Superiores*, a serem esboçadas, neste artigo, a título de ressaltar a aplicação do método científico ampliada ao campo das questões por ele denominadas do mundo espiritual, de caráter suprassensorial, e indicar possíveis alinhamentos para o cotejo conscienciológico sobre a investigação da intraconsciencialidade e multidimensionalidade.

Aperfeiçoamento. Empenhado em aperfeiçoar a visão do mundo e da vida que se manifesta em força propulsora da criação, Steiner voltava-se, inicialmente, à compreensão dos processos criativos de Goethe. Preocupava-se, também, com a essência do conhecimento e a existência ou não de limites cognitivos.

Contemplação. Diz ele no prefácio à segunda edição (1923) do original (1886) de *O Método Cognitivo de Goethe*: “minha estrela-guia sempre foi o reconhecimento, totalmente espontâneo, do fato de o homem poder contemplar-se interiormente [em sua condição de] espírito independente do corpo, situado num mundo puramente espiritual” (Steiner, 2004, p. 15). Mas considerou que era “preciso lançar uma ponte deste mundo para o mundo do espírito” e, assim, conduziu seu olhar “no caminho da observação sensorial, ao espiritual consolidado em [sua] vivência cognitiva interior” (Steiner, 2004, p. 15).

Cosmovisão. Descobriu que seus pensamentos sobre a essência do conhecimento o levaram à cosmovisão goethiana, dando origem, durante os trabalhos de edição dos escritos científicos de Goethe, às suas linhas básicas para uma gnosologia, que “fala de uma essência cognitiva, que abre caminho do mundo sensorial para o espiritual” (Steiner, 2004, p. 17), isto é, o suprassensorial.

Participante. Steiner buscava mostrar, como se lê no prefácio à primeira edição do mesmo livro, escrito em 1886, “a maneira [pela qual] Goethe inseria tal ou qual fato isolado no todo de sua concepção da natureza, (...) para alcançar uma

compreensão das correlações entre os seres na natureza ou, (...) para participar espiritualmente das produções da natureza” (Steiner, 2004, p. 18).

1.1 O método cognitivo de Goethe na visão de Steiner

Conexões. Em se tratando das relações fundamentais entre sujeito e objeto da produção do conhecimento, Steiner considera que a tarefa da ciência, em seu campo próprio, é encontrar as conexões entre fatos ou fenômenos que, na experiência, são separados, subsistindo, assim, o contraste entre o mundo ideativo e os objetos que lhes são adjacentes, cujas interrelações também cabem às ciências buscar conhecer. O mundo da Ciência, de um lado, e a Natureza e a História, de outro lado, devem ser conectados, de modo a responder: “Que significado tem o reflexo do mundo exterior na consciência humana, que relação existe entre o nosso pensar a respeito dos objetos da realidade e eles próprios?” (Steiner, 2004, p. 30).

Domínios. Em primeira aproximação, haveria, então, a experiência e o pensar, cujos domínios devem ser delineados. Compartilha-se do entendimento de que os objetos são acessíveis à nossa observação e designados por conteúdo da experiência. No ato do conhecimento, a configuração dos objetos no espaço se apresenta pronta diante de nós, não tendo nossa participação em seu surgimento. Assim, a realidade se oferece ao nosso conhecimento, isto é, à nossa apreensão sensorial, baseada na observação, e à nossa concepção espiritual, fundada no aprofundamento da atividade pensante (Steiner, 2004, p. 31).

Pensar. Ao defrontar com a forma da realidade tal como aparece, com total renúncia de si mesmo, essa realidade constitui a experiência pura. Na condição de sujeitos do conhecimento, para Steiner, ao sentir a necessidade de indagar, significar, ordenar e conhecer as relações entre certos objetos dessa realidade, já não se tem a experiência pura, isto é, o pensar torna-se participante da experiência (Steiner, 2004, p. 32).

Experiência. Todavia, da mesma forma que as coisas e fatos do mundo exterior, nossos estados interiores também podem adentrar no horizonte de nossa consciência, na condição de realidade objetiva, o que é condizente com a pesquisa conscienciológica e, antes mesmo, com a linha junguiana da psicologia. E mais, o próprio pensar nos surge na condição de objeto da experiência, “entre os fatos da experiência, sendo um deles” (Steiner, 2004, p. 34). Ou seja, nesse sentido, Steiner demonstra interesse na pesquisa em primeira pessoa. O que foi desenvolvido quase um século depois, pela Conscienciológica.

Indiferenciação. Os objetos da experiência pura são totalmente equivalentes se não se pretende observar as coisas ou os fatos e relacioná-los com a ativi-

dade pensante. Sem o pensar, os objetos não se diferenciam em seus conteúdos singulares, detalhes e significados (Steiner, 2004, pp. 35-36).

Ordenação. Isto é, sem a participação do pensar, os objetos da experiência (objetos percebidos) e as imagens (representações mentais, subjetivas) de nossa percepção (dos objetos) na consciência prosseguirão desconexos. Com o princípio da seletividade em ação, é a atividade pensante que, no dizer de Steiner, ordena e estabelece conexões (Steiner, 2004, p. 38), com a ressalva de que o pensar não se reduz a essas representações mentais. Ainda que estas sejam oriundas, em sua formação, de uma determinação da atividade pensante sobre os objetos, não constituem o pensar em sua inteireza. Poder-se-ia aqui inferir um certo grau de autonomia do pensar em relação aos objetos?

Princípio. Steiner questiona se o conhecimento da experiência deve ser entendido por algo fundamentado na essência dos objetos (da experiência), a título de uma propriedade da realidade objetiva, exterior (Steiner, 2004, p. 43). Ele mesmo responde: “Uma gnosiologia fundamentada no sentido da cosmovisão goethiana atribui capital importância à necessidade de se permanecer absolutamente fiel ao princípio da experiência” (p. 47).

Base. Mas, para basear uma ciência do conhecimento no princípio da experiência, é preciso encontrar “em qualquer ponto da própria experiência, o elemento básico de toda a cientificidade – a regularidade ideativa” do pensar (p. 47).

Diferença. Isto é, há uma diferença essencial entre a maneira de um fenômeno externo da realidade sensorial ou outro processo da vida espiritual se tornam conscientes e a maneira de perceber nosso próprio pensar (Steiner, 2004, p. 47). No primeiro caso, se está diante de algo pronto sem ter “exercido influência determinante sobre esse vir-a-ser” do fenômeno inscrito na realidade sensorial ou espiritual (p. 47).

Gênese. No caso do pensar é diferente: “[se está] intimamente [ligado] ao seu modo de nascer”; e sempre se sabe “que o campo em que esse pensamento se manifesta é minha consciência” (pp. 47-48). Isto é, a gênese da manifestação sensorial se dá impulsionada por forças externas, pelo objeto dos sentidos; enquanto que no “caso do pensamento, tenho certeza de que aquela *gênese* não é possível sem minha atividade. Eu tenho de elaborar o pensamento, tenho de recriar seu conteúdo, tenho de vivenciá-lo interiormente até em sua menor parte, para que ele tenha qualquer significado para mim” (Steiner, 2004, p. 48). Assim sendo, baseando-se nesse raciocínio do autor em estudo, consente-se com a ideia de autonomia do pensamento, fundada em certo desprendimento dos impulsos de objetos exteriores.

Síntese. Em suma, ao refletir a respeito do mundo cognitivo, Steiner afirma que “a manifestação [da realidade exterior] aos sentidos e o pensar se defrontam

na experiência. Aquela não nos fornece esclarecimento algum sobre sua própria essência; este nos esclarece simultaneamente sobre si mesmo e sobre a essência daquela manifestação aos sentidos” (p. 49), desde que nossa atividade pensante participe integralmente da elaboração desses esclarecimentos, e estabeleça a ordem de conexões entre as representações mentais (subjetivas) dos fatos ou fenômenos da realidade, de acordo com a própria natureza do pensar (p.49).

Cosmovisão. Isto quer dizer que, na visão de Steiner (2004), o “mundo dos pensamentos é uma entidade totalmente fundada em si mesma, uma totalidade coesa”, a ponto de poder fundar por si mesmo uma cosmovisão (p. 50). Por meio do pensar leva-se o mundo das ideias à manifestação consciente, segundo as próprias leis do pensar, concebendo os sistemas de pensamento de nossa ciência (pp. 51-52).

Íntimo. Na livre atividade do pensar (sem coerção interna), presente na consciência, se manifestaria tanto a natureza íntima do pensar como a da realidade-objeto do conhecimento (pp. 52-53), podendo a manifestação se dar por uma apreensão de conjunto – para Steiner, captação do mundo das ideias, ideações intuitivas, inspirações – ou resultar de etapas da intelecção e discernimento.

Cientificidade. Nessa linha de raciocínio, o método cognitivo de Goethe equivale ao modo de produção do conhecimento que, partindo da realidade-objeto do conhecimento, ou da experiência, combina as representações mentais (oriundas de observações e percepções) à intelecção conceitual e, em última instância, à dinâmica do pensar, em sua propriedade consciencial intrínseca e relativamente autônoma.

Goethe. Sintetizando a cosmovisão goethiana, explicada por Steiner, entende-se que “Goethe sempre trilha o caminho da experiência no mais rigoroso sentido. Primeiro toma os objetos [em si mesmos] e tenta penetrar sua natureza abstendo-se de qualquer opinião subjetiva”; em seguida, aprofunda-se na própria natureza do pensar, “para depois ver qual relação resulta quando esse pensar, conhecido segundo sua natureza, é colocado em relação com a experiência” (Steiner, 2004, p. 54).

Conceito. Nessa concepção, o processo cognitivo parte de uma atividade dirigida para fora, a observação de objetos e fatos que se encontram no campo de visão do observador. Resultam dessa atividade percepções da experiência, representações mentais subjetivas. A partir daí um trabalho interno de elaboração conceitual inicia, resultando em juízos perceptivos, porque oriundos das percepções concretas. O conceito se presta à compreensão das percepções advindas da observação da realidade exterior (Steiner, 2004, pp. 60-61).

Confronto. Nessa atividade intelectual de elaboração conceitual está o verdadeiro confronto entre o que se internaliza pela percepção e a autodeterminação

(interna) do mundo pensamental. O pensar entra em ação e a realidade ganha autodeterminações. Os objetos percebidos ensejam o deslocamento de certos pensamentos do mundo pensamental, e assim, os conceitos elaborados pela atividade intelectual são levados a um fluxo vivo de interrelações discernidas pela razão, subentendendo um sistema unitário de ideias (p. 62).

Razão. Em última instância, a realidade percebida aflui ao pensar mediante a intelecção conceitual e o discernimento da razão expresso por uma visão unitária (cosmovisão) da realidade, que une a exterioridade e a interioridade da experiência. Com isso, na perspectiva do método cognitivo de Goethe, a atividade mental da consciência consiste na captação de ideias, resultando em manifestações do mundo das ideias. Por isso, se a meta da ciência é examinar a relação do pensar com a experiência, em última instância, tudo se resolve no pensar (Steiner, 2004, pp. 71-73).

Intelecção. Para Steiner (2004), o pensar cria conceitos pelo intelecto (a partir das percepções da realidade exterior), em uma atividade diferenciadora, que distingue, separa. Mas essa separação é apenas uma etapa preliminar para a atividade combinatória a ser exercida pelo discernimento da razão, a força abrangente do pensar que estabelece a cognição, o conhecimento (p. 64).

Conjectura. Nesse ponto, pode-se conjecturar sobre os procedimentos gerais de análise e síntese na produção do conhecimento científico, combinando separações (oriundas de percepções, representações e intelecções conceituais da realidade exterior) e unificações ideativas oriundas do discernimento da razão, a força unitária do pensar, da atividade de captação de ideias universais, como se verá a seguir.

Elo. Outro fundamento de especial significado para a ação cognitiva do homem, na condição de sujeito participante do mundo, junto com os objetos exteriores, é a compreensão de que o *pensar* é o elo entre o Homem e o Cosmos (Steiner, 2000, p. 77). É o “elemento através do qual [se participa] do universo geral” (Steiner, 2000, p. 80), ao contrário do *sentir*, que seria “o meio pelo qual [há uma retração] em nosso mundo próprio” (Steiner, 2000, p. 80).

Individualidade. Nessa dialógica entre o pensar e o sentir, nossa vida é “uma constante oscilação entre a convivência com o devir universal e o nosso ser individual”, e nela, a individualidade se constitui ao modo de um equilíbrio dinâmico no sentido de elevação da vida dos sentimentos à região das ideias, dos conceitos universais (Steiner, 2000, p. 80).

Devir. De fato, pode-se apreender do estudo de Steiner (2000), que o pensar é um caminho que conduz à universalidade, e por isso, à integralidade da consciência, sendo esta, o seu suporte. Diz ele, então: “Não resta dúvida, no pensar [se tem] uma ponta do devir do universo [em mãos e se está] presente quando este se realiza” (p. 40).

Completude. O mundo se apresenta de maneira enigmática, pois simplesmente é encontrado pronto. A cognição do mundo só se completa na dimensão de sua compreensão pelo pensar: quem, a partir da observação/percepção do mundo, “não tem a faculdade de intuir o complemento conceitual, não consegue ver a realidade completa das coisas” (Steiner, 2000, p. 71).

Noologia. Por fim, a partir dessa concepção do método cognitivo de Goethe, Steiner (2010) propõe a sua Noologia, quando tal método se amplia ao conhecimento das questões do mundo espiritual, ou, na abordagem conscienciológica, do mundo consciencial, macroconsciencial, extrafísico. No livro *O conhecimento dos mundos superiores*, um caminho é então proposto para o desenvolvimento anímico-espiritual do indivíduo, mediante aquisição da faculdade de penetrar nos mundos suprassensoriais, ter com eles relações diretas e investigar os fatos que lhes correspondem.

Aspiração. Mas, no posfácio da última edição deste mesmo livro, prefaciada em 1918, Rudolf Steiner chama atenção para a necessidade de uma autêntica aspiração cognitiva da realidade suprassensorial. Somente esta predisposição levará ao trilhar do referido caminho, o que condiz ao fato de o ser humano ser capaz, “também em relação a outras experiências interiores”, de “tornar-se tão livre e independente da vida corpórea” (...) ao efetuar pensamentos acerca de percepções exteriores ou daquilo que interiormente é desejado, sentido e querido, não derivados do percebido, sentido e querido propriamente ditos”. Vale dizer, quando tiver “alcançado a faculdade de vivenciar (...) a pura e autônoma vida de pensamentos”, cuja realização independe da participação do corpo (Steiner, 2010, p. 149).

Cognição. Entreabre-se assim a possibilidade de uma correlação com o desenvolvimento da cognição parapsíquica na ótica da pesquisa conscienciológica.

2. PARTICIPAÇÃO DA CONSCIÊNCIA: FUNDAMENTOS PARA O MÉTODO CONSCIENCIOLOGICO

Ponte. O estudo acima apresentado a respeito das conexões epistêmicas entre Goethe e Steiner e o papel conferido por Steiner ao poder ordenador do pensamento, base para uma filosofia da liberdade, poderiam constituir uma ponte interparadigmática (Zaslavsky, 2017) para refletir sobre os fundamentos do método conscienciológico, e em particular, a questão da participação das consciências individuais na elaboração do conhecimento científico da consciência integral.

Qualificação. Entende-se que o pensar Steineriano pode contribuir sobretudo para aprofundar e refletir acerca da compreensão dos métodos conscien-

ciológicos da cosmoanálise e cosmossíntese (Zaslavsky, 2021). A participação da consciência na elaboração científica se daria pela cognição do fenômeno observado (cosmoanálise) e pode se qualificar pela contribuição original de ideias captadas no fluir do livre pensar, atividade de conexão com o mundo espiritual, imaterial, mundo das ideias, para Steiner, ou com o fluxo cósmico, a consciencialidade de consciências extrafísicas atuantes em múltiplas dimensões, na visão conscienciológica (cosmossíntese).

Lentes. De um lado da ponte, o pensar para a liberdade e o acesso ao mundo suprassensorial a partir da cognição de objetos e experiências exteriores (Steiner); e de outro lado, na lente do paradigma consciencial, o alinhamento cosmovisiológico à multidimensionalidade a partir do aprimoramento da racionalidade científica e do parapsiquismo aplicados ao conhecimento de realidades intrafísicas e extrafísicas.

Ponte. O constructo que possibilita o encontro entre os dois paradigmas é a *experiência parapsíquica*, cujo nascedouro tem lugar no universo da imaginação, inspiração, intuição, para além da racionalidade exclusivamente intelectual implicada na construção do conhecimento científico sobre os objetos e eventos da realidade selecionados para investigação.

Amplificador. Essa possível conexão entre dois paradigmas justifica-se pelo potencial amplificador do processo de cognição ao pensar intuitivo das consciências individuais, que as alinha ao mundo das ideias universais orientando seu completo (mas não definitivo) conhecimento da realidade e suas ações individuais. Em cada ciclo de investigação, para além da observação atenta do fenômeno estudado e da elaboração conceitual da imagem retida na mente proveniente do observar, o processo metodológico se completa (e não se esgota) com a atividade do livre pensar, de onde “brotam” inspirações, imaginações, intuições oriundas de captação espontânea do mundo das ideias, conexa ao referido ciclo proposto de conhecimento.

Suprassensorial. Para Steiner (2010), o vivenciar desse “pensar puro em plena lucidez” já é, em si, uma atividade suprassensorial, que possibilita “a integração do ser humano à essência cósmica” (p. 151). Todavia, essa vivência a ser alcançada na união (intimidade) com o pensar puro depende do desenvolvimento de uma disposição anímica interior e a entrega do indivíduo com todo o seu ser, sendo estas pré-condições somente o ponto de partida para as vivências e processos cognitivos de realidades suprassensoriais muito mais amplas (pp. 152-153).

Ascendência. A comparação paradigmática possível com a Conscienciológica pode concernir de fato ao funcionamento do mentalsoma, corpo do discernimento, da lucidez da consciência, sobretudo considerando que a consciência tem ascendência sobre este corpo mental, sendo este atributo “transcendente” o que

possibilita a experiência de integração do ser humano à consciencialidade cósmica, podendo facultar à experiência da cosmoconsciência.

Referências. Do que se pôde compreender até o momento, Steiner não se detém em desenvolvimentos explícitos dessa essência cósmica, embora discorra sobre a evolução humana sob a ótica da condução espiritual do ser humano e da humanidade referindo-se a entidades e hierarquias espirituais, a princípios, forças ou potências cósmicas associadas a essas diferentes entidades, o que na perspectiva histórica subentende referir-se à divindade ou divindades, e à espiritualidade, acima de qualquer realidade e concepção materialista.

Autoconsciência. Em boa medida, o foco de sua abordagem equipara-se com a perspectiva conscienciológica de ciência e emergência do pesquisador (que ultrapassa a condição de discípulo), dispondo de autonomia e liberdade de discernimento para a construção do próprio caminho de conhecimento, acesso ao mundo de consciências extrafísicas (para Steiner, entidades sobre-humanas) e a relações possíveis com estas, à inteligência e sabedoria correspondentes aos graus evolutivos dessas consciências (entidades).

Integração. Uma convergência importante assim se estabelece com a proposição conscienciológica de integração da consciência à multidimensionalidade (ao fluxo cósmico e ao maximecanismo interassistencial). Para vivenciar esse estado consciencial integrado seria necessária uma disposição ao desenvolvimento do parapsiquismo, de parapercepções (no dizer conscienciológico), ou de faculdades suprassensoriais (no dizer de Steiner), entendidos na condição de meios de acesso, apoiados, todavia, em uma base sólida de desenvolvimento do caráter, de valores e equilíbrio anímico (Steiner), ou da intraconsciencialidade, ortopense-nidade e cosmoeticidade da consciência, condizente ao paradigma consciencial.

Ascendência. Outra convergência reporta-se à premissa das relações interveiculares, de que a Consciência tem ascendência funcional sobre todos os veículos pelos quais se manifesta (IIPC, 2007). Na acepção de Steiner, o estado de autonomia da atividade pensante pode expressar independência da vida corpórea e possibilitar ao ser consciente o acesso a novos horizontes do mundo das ideias.

Corpos. Vale ressaltar que Steiner (2010, p. 125) distingue o corpo físico, que na vigília física ordinária intermedia as percepções sensoriais e o pensar, de corpos sutis, o corpo etérico e o corpo astral, correspondentes, na Conscienciológica, ao energossoma e psicossoma, respectivamente. Para o autor, além da corporalidade, a constituição humana inclui o Eu propriamente dito, que independe da corporalidade e concerne ao mundo espiritual, correspondente (para ele) ao mundo das ideias e da autoconsciência. O pensar corresponde ao Eu, a autoconsciência, equiparável ao corpo mental e à consciência ascendente sobre todos os corpos, conforme ensina a Conscienciológica.

Questionamento. Estudando a abordagem de Steiner, esta pesquisadora é levada a pensar na premissa de que o Serenão constitui o último degrau da escala evolutiva proposta pela Conscienciológica para o ciclo evolutivo psicossomático, dando início ao ainda bastante desconhecido ciclo mentalsomático, da Consciência Livre ou CL, iniciado com o descarte do psicossoma. De fato, não é essa precisamente a abordagem de Steiner, mas suas ideias a propósito do livre pensar (já enunciado anteriormente) possibilita uma extrapolação, ou, ao menos, a formulação de nova hipótese.

Indagação. A rigor, não se questiona sobre a magnitude da vida de consciências muito mais evoluídas do que as consciências ainda no estágio psicossomático. Indaga-se acerca da dinâmica da evolução, se os estágios evolutivos (representados didaticamente pela escala evolutiva conscienciológica) seguem, de fato, um movimento linear por etapas sucessivas, sendo uma pré-requisito para a outra: não poderiam tais estágios coexistir, ou se sobrepor na intraconsciencialidade e seus atributos se manifestarem, ainda que de maneira germinal, conforme as situações da vida intrafísica, suas demandas e desafios?

Foco. Na hipótese de resposta afirmativa a esta questão – o que implica estudo e validação de outra concepção do movimento evolutivo, considerando níveis distintos de causalidade – impõe-se a necessidade de reflexão e autodiscernimento a respeito da experiência de liberdade da consciência (Gomes, 2017). O que é uma consciência livre na atual condição de ressonância? De fato, pode-se seguir uma linha de aperfeiçoamento da reflexão conscienciológica sobre a liberdade pensante alcançada com a desperticidade.

Liberdade. Para Steiner (2000), a liberdade da consciência pode ser vivenciada pelos homens em sua condição corporificada, na vida intrafísica (no dizer conscienciológico), portanto, mediante a auto experiência (que também pode basear autoexperimentações) do pensar puro, de pensamentos puros, o que subentende o estado consciencial de atividade pensante independente de outras funções anímico-corpóreas utilizadas para o conhecimento de objetos exteriores do mundo físico-sensorial, dentre outras, o perceber, o representar, o sentir, o querer, o lembrar³.

Complexo. Nesse sentido, para Steiner, a constituição humana, da mente humana, poderia ser entendida ao modo de um complexo dinâmico de funções anímicas de duas entidades indissociáveis nela entretidas: uma, compreendendo o mundo subjetivo das funções que ligam a consciência ao mundo exterior, aos objetos e situações da dimensão intrafísica; e a outra, desenvolvida em dire-

3. A rigor, compreende-se que tais funções anímicas continuariam a atuar, mas não mais incitadas pelo mundo exterior, intrafísico, e sim, pela viva experiência intraconsciencial. Isto é, tais funções constituem atributos da consciência, mas sua utilização pode estar voltada ao mundo físico corpóreo ou ao microcosmo consciencial íntimo que conecta ao universo suprassensorial.

ção ao mundo interior que leva, em grau maior de aprofundamento, à experiência do livre pensar e, por meio dele, ao possível caminho de acesso às realidades suprassensoriais, que, por hipótese, condizem ao além do espaço tempo, à multidimensionalidade.

Interioridade. Em Steiner (2010), o conhecimento dos mundos superiores, das realidades suprassensoriais, pode ser gradualmente alcançado pelo desenvolvimento da vida interior para o despertar de faculdades superiores, sentidos espirituais latentes em cada ser humano consciente (consciência), sendo uma pré-condição importante a capacidade de resistência e tolerância diante de circunstâncias, fatos e influências exteriores, junto à prévia aspiração cognitiva autêntica (já referida).

Cotejo. Com esse entendimento, pode-se comparar a visão steineriana de despertar e ativar faculdades superiores com base na imperturbabilidade, enquanto condição de acesso aos mundos suprassensoriais, à condição de desperticidade (termo do paradigma consciencial), também fundamentada na imperturbabilidade, porém, desenvolvida a partir de experiências acumuladas com a multidimensionalidade e da qualificação cosmoética derivada da assistência desenvolvida por meio destas experiências. Para Steiner, a fonte desse desenvolvimento seria a aspiração autêntica ao desenvolvimento interior gradual, vale dizer, na perspectiva conscienciológica, aplicação de inteligência evolutiva para promovê-lo.

Proposições. Na terminologia conscienciológica, esse conhecimento de realidades suprassensoriais pode ser obtido pelo desenvolvimento parapsíquico; pode ser considerado um método de autoconscientização multidimensional, não dissociado do estudo de Projeciologia (incluindo a distinção de Estados Alterados da Consciência e Parafenômenos), de onde derivam e podem derivar outros métodos e técnicas de análise.

Semelhanças. Considera-se que o desenvolvimento gradual de faculdades anímicas superiores levando ao conhecimento de realidades suprassensoriais, em Steiner, é equiparável à evolução da consciência mediante o desenvolvimento parapsíquico conduzindo ao conhecimento da multidimensionalidade.

Chave. Nessa equiparação, vale ressaltar a confluência das proposições do autoconhecimento (Rudolf Steiner) e da autopesquisa (Waldo Vieira) ao modo de chave de acesso ao reconhecimento da individualidade espiritual integrada ao mundo espiritual (Steiner) e à integralidade da consciência (Vieira) e, assim, caminho ao limiar do conhecimento de realidades multidimensionais, suprassensoriais.

Encontro. Outro ponto em comum entre a Noologia de Rudolf Steiner e a Conscienciológica proposta por Waldo Vieira é o caráter de cientificidade renunciado ao seu desenvolvimento. Alinhado ao contexto das pesquisas em espi-

ritualidade de finais do século XIX, Steiner, ao admitir a realidade de um mundo espiritual, apoiado em seu próprio parapsiquismo (clarividência desde a infância), propunha o conhecimento científico do mundo espiritual – a Antroposofia – reorientando seu consentimento inicial à Teosofia e recusando os excessos do espiritualismo então vigente (Jung, 2015; Rêgo, 2017), incluindo os da mediunidade, por ele desacreditada, por se tratar de um estado de completa dependência do corpo físico (Steiner, 2010, p. 151).

Diferenças. Embora a cientificidade seja um valor para os dois propositores, se Steiner teria percorrido seu caminho a partir da filosofia e teoria do conhecimento e admitido a busca de diferentes princípios para a explicação do mundo (cosmovisão), incluindo os preceitos filosóficos relativos ao fato místico (sobretudo o cristão), Vieira propôs a Conscienciológica a partir de sua dissidência da experiência religiosa, no espiritismo, de sua vasta investigação cosmoviológica de diferentes tradições e linhas de conhecimento e, sobretudo, de décadas de autoexperimentação parapsíquica, que confluíram à proposição do paradigma consciencial.

Contextualização. Outra diferença importante é o contexto histórico de ambos. Se a proposição antroposófica de Steiner, de autoconsciência e autodesenvolvimento humano inaugura o movimento de “desmistificação” das iniciações ao conhecimento de mundos superiores para poucos, por meio de sua ciência científico-espiritual; Waldo Vieira insere-se em outro momento evolutivo da humanidade onde se entende que esse acesso à multidimensionalidade deve ser facultado a um número crescente de pessoas, de acordo às grandes levas de consciências ressomadas (sobretudo no pós-segunda guerra mundial), por meio de um vigoroso estímulo ao trabalho de esclarecimento e elevação da consciencialidade, do altruísmo interassistencial (cosmoético e universalista), do desenvolvimento parapsíquico e da ruptura de toda obscuridade consciencial pela razão científica.

Base. Nesse contexto, para a Noologia de Steiner, as intuições do mundo das ideias pelo pensamento podem ser consideradas um fundamento de método de sua disciplina científico-espiritual para conhecimento de mundos superiores. Por hipótese, o equivalente conscienciológico desse processo de conhecimento seria a expansão de consciência, fenômeno mentalsomático. Comparativamente, para além da atitude descrenciológica, neste processo podem estar envolvidos, dentre outros métodos do paradigma consciencial, a autoexperimentação e a autoanamnese (Zaslavsky, 2021).

Experiência. Além disso, na Conscienciológica, a preocupação com o desenvolvimento mais estrito (mas não exclusivo) da racionalidade científica tende a indicar certa inclinação à valoração mais empirista ou experimental ao conhecimento da consciência integral. Ocorre certa ênfase metodológica na proposi-

ção de procedimentos e técnicas orientada para e por meio dos fatos exteriores (fatos concretos do mundo exterior) ou de experiências sensíveis de manifestação consciencial, incluindo aqui, também, os fatos objetivos, intraconscienciais, parafenomenológicos e multidimensionais (parafatos), cuja investigação e análise mobiliza uma série de técnicas voltadas a imersões aprofundadas na busca de conhecimento da consciência integral.

Método. A questão do método conscienciológico constitui objeto de reflexão e investigação dos mais importantes para garantir e qualificar a cientificidade da Conscienciológica e a autocientificidade dos pesquisadores que contribuem ao seu desenvolvimento, de maneira geral ou associada às abordagens de especialidades.

Insuficiência. A esse respeito, não faltam desafios para que não se incorra, individual ou coletivamente, em equívoca cientificidade e autocientificidade, pois, talvez, apoiar a pesquisa exclusivamente nas experiências individuais ou coletivas (exteriores e intraconscienciais) não seja o suficiente, e nem tampouco reduzir o conhecimento científico a um levantamento interminável de hipóteses sobre assuntos tão complexos como são os que se propõe a Conscienciológica, sem que sejam levadas às suas últimas consequências (Kauati, 2014, p. 17). Para além da experiência e da hipótese e, inclusive, do enunciado de novas verpons, a referida insuficiência reside na incompletude do processo de conhecimento científico, sem exploração de níveis de análise e conceituação, ou teorização.

Formação. Considerando o amplo espectro de pesquisadores conscienciológicos e seus níveis variados de preparo científico, há grande demanda de formação científica de pesquisadores, no sentido de que se vá além das experiências e hipóteses, ou mesmo do entendimento inicial de que o método se reduziria à criação e aplicação de técnicas.

Aplicabilidade. O interesse em apoiar-se, aqui, em Steiner, mais especificamente, no prolongamento do método cognitivo de Goethe para aquisição do conhecimento dos mundos superiores, está em seu potencial de aplicabilidade conscienciológica e no entendimento da participação da Consciência no processo de construção e validação da cognição da realidade sensorial e suprassensorial.

Competência. Para Steiner (2000), este método pode se “tornar uma competência real da vida interna”, isto é, indicativo de “um campo de atuação da mente humana no qual a pergunta se coloca e se resolve sempre de novo por sua atividade interna” (p. 9).

Orientação. Trata-se de “um método cognitivo validado através de sua vivacidade e de sua afinidade com toda a vida interior do homem” (p.10), mediante o reconhecimento de que “somente [se pode] achar a natureza externa, conhecendo-a [internamente]”, vale dizer, o que “é igual a ela em nosso interior nos

guiará” (Steiner, 2000, p. 10). É preciso chegar a um nexos entre o Eu e o Mundo, a partir do qual se pode constatar: “aqui não sou mais apenas ‘eu’; aqui existe algo que transcende o ‘eu’ (p. 29).

Trabalho. Para chegar a esse nexos, trazido das profundezas de nosso próprio ‘eu’, tudo se resumirá a um trabalho preciso, empreendido com disciplina, concentração e meditação (viver atento e aprofundado em certas ideias), e com os meios corretos do ensino científico-espiritual para desenvolver os órgãos de percepção espiritual, e junto, os sentidos (ouvidos e olhos) espirituais – os paraouvidos e paraolhos (na linguagem conscienciológica) – e a lucidez necessária para conseguir ver, distinguir e estabelecer relações com entidades superiores (Steiner, 2010, p. 31), de outras dimensões espirituais ou sobre-humanas (isto é, para além da autoconsciência humana).

Disciplina. Segundo a teoria de Steiner, a disciplina científico-espiritual seria objeto de prática em três etapas: 1. Na etapa preparatória, visando o desenvolvimento dos sentidos espirituais (clarividência e audição espiritual); 2. Na etapa da iluminação, tendo em vista alcançar uma visão clara do que estava oculto acerca da natureza humana pelos sentidos exteriores; e 3. No processo de iniciação, a busca de percuciência e discernimento das relações entre a natureza humana e tudo o que existe no Cosmo.

Intimidade. Tais práticas se dariam por certos meios e chegariam a resultados precisos, ambos a seguir descritos sumariamente, com base em Steiner (2010, pp. 32-63): a partir de um estado de acalmia ou equilíbrio interior e perseverança para a disciplina que levará ao caminho para nosso íntimo, os exercícios propostos em cada uma das etapas mencionadas devem ser levados a efeito em momento planejado de recolhimento e cultivo da vida de sentimentos e pensamentos.

Atenção. Na preparação, dirige-se a atenção plena a certos fenômenos da natureza (inanimados, animados e humanos), primeiro (a exemplo de processos de germinação, crescimento e florescimento e, de outro lado, processos de enfraquecimento, declínio e perecimento) e, depois, aos sentimentos e pensamentos que brotam na alma a partir dessa observação.

Interioridade. Na etapa da iluminação, a mesma observação intensiva e compenetrada seria dirigida, agora, à comparação entre fenômenos da natureza e à vivência interior correlata de sentimentos e pensamentos relativos a esta observação, o que despertará novas visões advindas, então, das realidades observadas, a exemplo do sentimento correspondente ao estado da alma de pessoas observadas.

Provas. Na etapa da iniciação, visões de fatos dos mundos superiores seriam alcançadas por meio de determinadas provas (prova do fogo, da água e do ar), cujos resultados incluem, entre outros: aquisição de verdadeira autoconfiança e grandeza de alma; capacidade de decifrar a “escrita grafada no mundo espiri-

tual” (sua linguagem e suas regras) (Steiner, 2010, p. 56); movimentação segura e capacidade de agir nos mundos espirituais, de acordo às suas regras, desenvolvendo seu autodomínio; encontro de seu Eu superior e seu caminho evolutivo para aportar o conhecimento do oculto a serviço da humanidade; esquecimento de sua memória inferior e faculdade de ter as verdades superiores sempre presentes no espírito (presença espiritual), durante o trabalho a ser realizado na Terra.

Efeitos. Ao se referir aos efeitos da aplicação do referido método, Steiner (2010) fala das modificações na vida onírica do discípulo, fazendo afirmações convergentes ao que na Conscienciológica se distingue entre sonho, sonho lúcido e projeção. No dizer de Steiner (2010, p. 31), o caráter confuso e arbitrário das imagens oníricas assume um novo caráter regular e de imagens coerentes. O conteúdo onírico também se modifica, deixando de refletir em imagens os meros fatos da vida intrafísica, passando a exprimir coisas e condições de outro mundo, ou vivências além do nascimento e da morte.

Desenvolvimento. Além disso, com o tempo, a diferença entre consciência onírica e o estado de vigília tende a se desvanecer cada vez mais. O indivíduo torna-se capaz de reconhecer seu Eu superior, sua Consciência superior, considerando-a ao modo de sua verdadeira entidade e se comportando em conformidade com ela (Steiner, 2010, pp. 112-113). Por certo, fazendo uma comparação, na perspectiva conscienciológica esse movimento equivaleria à ampliação da autoconscientização multidimensional, que se agrega ao real estado de ser na vigília física ordinária, resultando em força presencial e ação interassistencial.

Estados. A rigor, com o desenvolvimento dos sentidos suprassensoriais, na acepção de Steiner, os três estados da vida do ser humano, a saber, a vigília, o sono com sonhos e o sono profundo sem sonhos, sofrem transformações, e não apenas a vida onírica. O mundo sensorial (vigília) se enriquecerá com novas qualidades, e de igual modo, o estado profundo do sono se revelará por meio de percepções e vivências antes desconhecidas e difíceis de descrever por meio de palavras, pois manifestas de modo alegórico e simbólico, exigindo outras formas de expressão que nasceriam espontaneamente (p. 120)⁴.

Discernimento. Com paciência e serenidade, o discípulo ou o pesquisador do espírito⁵, para Steiner, poderia adquirir uma faculdade de percepção com pro-

4. Essa linguagem simbólica das visões (imagens) parapsíquicas, difíceis de serem traduzidas ou interpretadas, é um assunto importante de ser tratado e compreendido para a qualificação do desenvolvimento parapsíquico. A esse respeito, uma abordagem prevista da autora para outro momento é a das conexões entre o método da imaginação ativa e amplificação histórica de Carl Gustav Jung e a concepção do *mundus imaginalis* e da metahistória de Henri Corbin.

5. A rigor, Steiner utiliza os dois termos: discípulo e pesquisador do espírito, indicando que o conhecimento inicial do mundo espiritual começaria com orientação de mestres, mas, em dado momento, se transformaria em uma busca autônoma por um caminho de acesso e domínio deste conhecimento.

priedade segura, pois consegue discernir que existem duas espécies de vivências: uma dotada de certa afinidade com sua vida físico-sensorial e outra aparentemente alheia a tudo que jamais conheceu anteriormente. Cada vez mais, seria levado a entender que é como se “a solução dos enigmas sobre os quais ele tem de refletir lhe fosse sussurrada em sons e palavras a partir de um mundo superior” e que a vida comum se liga às efluências que lhe advêm do outro mundo (Steiner, 2010, pp. 121-122).

Autopesquisador. De fato, o autopesquisador conscienciológico não é o pesquisador do espírito na acepção antroposófica, mas sim o pesquisador da consciência integral. O desenvolvimento do parapsiquismo (para a Conscienciológica) e das faculdades suprassensoriais (para a Noologia) guardam semelhanças nos parafatos com que a consciência se depara e fenômenos vivenciados (afinal, a multidimensionalidade é natural e parte da realidade). Além disso, convergem na responsabilidade pela evolução da humanidade na Terra. Mas as diferenças entre as abordagens paradigmáticas em foco residem nos meios de habilitação perceptiva e paraperceptiva, e em suas origens históricas, fundamentos e resultados.

Ligação. Igual à Conscienciológica, Steiner (2010) chama atenção ao fato de que o pesquisador do espírito (aspirante a vivências diretas com os mundos superiores) deve esforçar-se para obter clareza quanto às vivências parapsíquicas do sono profundo, guardando-as (em registros) e aguardando outras de modo a que possam, em algum momento, ser compreendidas pela ligação entre elas; ligação esta que se constitui, espontaneamente, por meio de um desdobramento de sentidos encadeados a partir delas próprias. Dessa forma, tais exercícios levariam à ampliação continuada da consciência do sono profundo (p. 123).

Continuidade. Isto quer dizer, também para Steiner, que as experiências não cessam durante o descanso do corpo, e que, a partir delas, há possibilidade de interassistência no intrafísico. Steiner (2010, p. 127) não usa o termo assistência, mas considera haver uma missão do ser humano a ser buscada na Terra e que disso dependeria a possibilidade de vir a ser um colaborador útil em outro mundo. O que é análogo, mas não equivalente à ideia conscienciológica de programação existencial (proéxis) e qualificação para atuação na condição de minipeça lúcida interassistencial.

Responsabilidade. Nessa linha de pensamento, Steiner afirma que “somente por depender a Terra sensorial do mundo espiritual, por realmente só ser possível atuar na Terra participando-se dos mundos onde estão ocultas as potências criadoras, é que se deve querer ascender a eles” (2010, p. 127), com a consciência de que “cada ampliação do horizonte coloca, também, incondicionalmente, deveres ampliados” (p. 139).

Influências. Para isso, todavia, o desenvolvimento de órgãos e sentidos cognitivo-espirituais seria necessário. Em determinado momento deste desenvol-

vimento, as impressões sensoriais deixam de influenciar o estado da consciência e as vivências suprassensoriais tornam-se plenas. De outro lado, no curso das experiências sensoriais, também apenas em determinado momento, a consciência deixa de ter impressões confusas sobre as vivências suprassensoriais e adquire consciência lúcida acerca da relação entre os mundos suprassensoriais e a realidade intrafísica, sensorial.

Emancipação. Quando esse grau de amadurecimento prevalece, no dizer de Steiner (2010), o indivíduo deixa de ser guiado e se emancipa dos seres cósmicos ou entidades espirituais consideradas hierarquicamente superiores, e, então, terá de se abster do contato direto com tais instrutores e “assumir a direção por si mesmo” (p. 126). Tais poderes superiores que o influenciavam eram ordenados “por meio da harmonia cósmica universal” (p. 126). Por hipótese, nesse momento o discípulo torna-se autopesquisador e minipeça atuante com mais lucidez e independência.

Mudança. De fato, é importante ressaltar a necessária transformação de cognição e posicionamento da consciência no sentido de superação de relações hierárquicas e dependência para a aquisição de autonomia evolutiva e trabalho lado a lado com amparadores, com a perspectiva de expansão cada vez mais ampliada da consciência, mais lucidez, discernimento e cientificidade, mais recins e interassistência na função de minipeça lúcida.

Desafio. O benefício da referida emancipação torna-se seu grande desafio evolutivo: ascender à vida superior, a partir de um trabalho a ser realizado na Terra (Steiner), no intrafísico (Vieira). A participação em mundos superiores acarreta aos seres humanos esse encargo adicional de responsabilidades com o aqui e agora (Steiner, 2010, p. 127), o que reforça uma possível analogia interparadigmática com a proéxis e a responsabilidade interassistencial, interdimensional.

Autonomia. Um ponto intrigante a chamar a atenção é que, nesse momento de conquista da autonomia, grandes transformações ocorrem em seus corpos mais sutis: se anteriormente à disciplina de conhecimento do mundo espiritual, “o indivíduo não quer, sente e pensa de maneira arbitrária” (p. 128), havendo uma ligação promovida por leis cósmicas superiores com o desenvolvimento espiritual mais elevado, posteriormente, em outro estágio de participação no mundo espiritual, “os órgãos do pensar, sentir e querer ficam inteiramente livres por si” (p. 129)⁶, cabendo ao pesquisador a responsabilidade pelo domínio de sua harmonização, da atuação conjunta dessas três forças anímico-espirituais.

Exemplo. Nas palavras de Steiner (2010, p. 129), essa dissociação indicaria que “nenhum impulso o levará de um pensamento e uma ação se ele próprio não

6. Caberiam novas incursões de estudo para avaliar se essa “dissociação” entre o querer, o sentir e o pensar a que se refere Steiner possa ser análoga à descoincidência dos veículos, conforme entende a Conscienciológica.

provocar livremente esse impulso em si mesmo”; ou nenhuma relação haverá entre um sentimento e uma decisão volitiva se o indivíduo não a criar.

Pensenização. A correlação com a questão conscienciológica da pensenização se estabeleceria, por hipótese, no sentido de que a atuação do pensar, sentir e querer (energia) como manifestação indissociável seria relativizada, nos estados conscienciais de discernimento mais elevado, ao domínio de uma orquestração de tais forças, realizada de maneira autônoma pela própria consciência, mas de modo alinhado às regras da multidimensionalidade.

Cotejo. Contudo, mais uma vez, vale lembrar: se existem realidades iguais, as compreensões são distintas. Pensar-sentir-querer é análogo ao pensamento-sentimento-energia (pensene). Mas não é exatamente o mesmo. Embora o querer se relacione com energia para Steiner, a energia do pensene pode se referir à ação, mas também ao ectoplasma e a energias conscienciais mais sutis. Por isso, a manifestação consciencial é pensênica.

Autodomínio. Embora uma investigação mais detida na obra de Steiner pudesse trazer mais elementos para melhor compreensão, uma interpretação possível sugere que essa cisão dos órgãos do pensar, sentir e querer poderia se equiparar, na Conscienciológica, ao maior autodomínio do projetor consciente, no estado projetado de mentalsoma, em relação à descoincidência veicular.

Equilíbrio. De fato, não é pretensão refutar a ideia do pensene, da indissociabilidade entre pensamento, sentimento e energia. A analogia possível reside no necessário autodomínio da consciência no estado projetado, quanto ao maior carregamento pensênico (ora no pensamento, ora no sentimento ou na energia). Conforme a demanda interassistencial, seria preciso um ato deliberado no sentido de equilibrar tal carregamento.

Intensidade. Em outra interpretação possível, à luz do paradigma consciencial, pode-se considerar que no acesso consciente a outra dimensão, no estado projetado, por exemplo, tais funções se manifestariam com mais independência, de modo a se destacar com maior força ou intensidade a manifestação da função (pensar, sentir ou querer) mais premente no momento, de acordo ao estado consciencial ou à situação ali vivenciada.

Vigília. Em todo caso, considerando também a atuação na vigília física ordinária, essa separação poderia corresponder à capacidade de autodiscernimento qualificado. Este possibilita distinguir tais manifestações conscienciais (pensar, sentir e querer) em diferentes situações, na própria consciência ou na dos outros. Com isso, haveria melhor compreensão e uso dos próprios potenciais e/ou posicionamentos decisivos a autoenfrentamentos ou atitudes interassistenciais. Essa distinção corresponderia ao conceito conscienciológico de diferenciação pensênica (Stédile, 2021).

Liberação. O benefício interassistencial dessa autopesquisa da pensenidade em relação ao autodiscernimento e autodomínio consciencial é promissor, pois a consciência preparada no conhecimento de outras dimensões passa a assumir a responsabilidade e o autodomínio pela liberação de forças pensênicas latentes para posicionar-se interassistencialmente diante de manifestações nosográficas de outras consciências sob o ponto de vista da evolução consciencial.

Exemplo. Diante de uma manifestação de rejeição proveniente de outra consciência, ao invés de reatividade agressiva ou autassédio, pode-se “mudar o foco pensênico” e, em vez de responder no plano de forças emocionais, pode-se encontrar o ponto de equilíbrio no mentalsoma, ativando o potencial de autorreflexão, respondendo de modo cordial e aceitando a oportunidade de autorreciclagem.

Posicionamento. Em outro exemplo comparando ambos os paradigmas, diante de uma manifestação de ódio, entendido por um fenômeno visível que pode corresponder a uma força suprassensorial adversa, qual força anímico-espiritual posso eu desprender de minha própria alma ao modo de uma convivência harmoniosa consciente? (Steiner, 2010, p. 130). Da perspectiva da Conscienciológica, a consciência pode se questionar: qual o discernimento e posicionamento interassistencial? O que demanda a situação? Ênfase na energia, emoção, esclarecimento cognitivo?

Recin. Em síntese, a análise em separado do pensar, sentir e querer, em sua correspondência ou afinidade com certas forças de entidades suprassensoriais (Steiner, 2010, p. 129), pode beneficiar, sob o prisma conscienciológico, a autoreeducação da resposta pensênica, a partir de mudança do padrão pensênico, conforme as situações interassistenciais.

3. CIENTIFICIDADES: NOOLOGIA E CONSCIENCIOLOGIA

Fundamentos. Na visão de Steiner, os fundamentos para garantir a cientificidade de sua noologia podem ser assim identificados: 1. Na equiparação entre fenômenos da natureza físico-sensorial e a natureza espiritual do ser humano, ambos considerados experiência objetiva; 2. No pensar, considerado um ponto de apoio aos processos cognitivos (do mundo físico-sensorial e realidades suprassensoriais), e elo entre o Homem e o Cosmos; e 3. No método intuitivo de autoconhecimento e conhecimento de mundos superiores, por meio de acurado senso de observação de fenômenos da natureza físico-sensorial e de sentimentos e pensamentos, levando ao progressivo despertar de faculdades suprassensoriais.

Aproximação. A aproximação mais evidente da cientificidade em Steiner, com a perspectiva empirista, é a observação a) da natureza físico-sensorial e b) dos processos de representações mentais.

Contribuição. Em certa medida, a visão de Steiner se aproxima da perspectiva conscienciológica de cientificidade, segundo a qual é possível tomar a consciência por objeto de auto-observação e autoexperimentação e, por esse meio, pesquisar as realidades extraconscienciais (dimensões, energias) e interconscienciais (relações). Talvez, possa se considerar que o paradigma antroposófico contribuiu com elementos também contemplados na proposição e no desenvolvimento do paradigma consciencial. A aplicação da Antroposofia em diversos campos da vida social aponta para a intenção de mudança paradigmática civilizatória (agricultura, saúde, educação, construção, economia, política).

Descompasso. De fato, até onde foi possível este estudo, não se verifica na visão de Steiner a preocupação com a consolidação do conhecimento por via de auto e heterorrefutação e validação, tal como se busca praticar na Conscienciológica, embora o ponto de partida de sua ciência seja rigorosamente a observação da natureza físico-sensorial e da subjetividade do pesquisador.

Conexões. O ponto central na busca de Steiner parece não residir de fato no desenvolvimento científico em si mesmo, estritamente considerado, com hipóteses, metodologias e análises coerentes. O ponto de apoio no pensar talvez indique, simplesmente, o elo de conexões possíveis, de um lado, com as aplicações possíveis de sua interpretação na vida prática, ou por outro lado, com a possibilidade de acesso a outras esferas de interrelações da consciência.

Pressuposto. Com a orientação científica e de método proposta por Steiner, pressupõe-se que o conhecimento da natureza exterior será gerado em nosso íntimo na forma de visões e sentidos físicos correspondentes, constituindo a experiência objetiva da intraconsciencialidade, e de umnexo entre o Eu e o Mundo, o Eu e o Cosmos, a ser sempre reconstruído pela atividade interna do pensar.

Esoterismo. Contudo, tais nexos ancoram a Antroposofia de Steiner no princípio de iniciações de diversas linhagens esotéricas, desenvolvidas desde a Antiguidade, mais particularmente, na Teosofia, a base imediata do nascimento da Antroposofia.

Distinção. A propósito do referido método de observação, Steiner remete, ainda, à necessidade de distinção entre fantasia (criação arbitrária de visões/imagens interiores), de um lado, e pensamentos e sentimentos autênticos que brotam na alma a partir da observação compenetrada de fenômenos físico-sensoriais ou do ser humano.

Meios. Importa ressaltar também que junto à aplicação sistemática do referido método, Steiner destaca a importância do estudo continuado de ensinamentos de pesquisadores de realidades espirituais ou suprassensoriais e de permanente aperfeiçoamento de forças morais, da integridade do caráter humano.

Ampliação. Entendo, aqui, que a aceção de autoexperimentação de Steiner, não equivale, de fato, ao entendimento conscienciológico, pois ele não fala propriamente de hipóteses, tampouco fala apenas da vivência em si, do exercício

de conhecimento suprassensorial, pois, ampliando seu olhar para as dimensões além do nascimento e da morte, propaga a ideia da importância de se compreender os sentidos gerais da condução espiritual da humanidade para a elevação da consciência e responsabilidade dos indivíduos e do trabalho que lhes cabe realizar.

Conscienciolgia. Na visão conscienciológica, os fundamentos da cientificidade incluem – para além da refutação argumentativa pela aplicação do princípio da descrença e o primado da experiência, e ainda, dos próprios pilares do paradigma consciencial –, a discussão recente sobre o desenvolvimento teático das especialidades, a partir da formulação de hipóteses de investigação e argumentação coerente, por meio de métodos e técnicas apropriados à pesquisa sistemática do microcosmo (autopesquisa) e do macrocosmo consciencial (cosmovisiologia).

Acesso. À sua vez, o parapsiquismo é compreendido, no paradigma antroposófico, de modo similar ao que propõe o paradigma conscienciológico, ou seja, uma forma de desenvolvimento consciencial e meio de acesso ao alinhamento interdimensional para atuação na vida intrafísica, segundo fundamentos cosmoéticos e universalistas e finalidades assistenciais e proexológicas.

Apoio. Uma consideração conclusiva, porém, não definitiva, remete a diferenças no processo de desenvolvimento parapsíquico: enquanto na Conscienciolgia, prioriza-se a qualificação de habilidades oriundas da prática de manobras energéticas (ainda que não constituam fim em si mesmas, pois estão a serviço da qualificação pensênica e interassistencial); em Steiner, prioriza-se o cultivo de pensamentos e sentimentos a partir de aguda observação de fenômenos da natureza físico-sensorial e dos seres humanos, e em última instância, na experiência do pensar puro. No caso, o acesso à informação seria direto, por intuição, inspiração, clarividência e clariaudiência.

Encontro. Esse possível desvelar de realidades externas e internas, segundo a proposição de Steiner, pode ser equiparado, na Conscienciolgia, à autopercepção da consciência, com desnudamento de pensenidades e nível de maturidade (ou imaturidades) que, na conscienciolgia, é promovida e dinamizada pela mobilização energética.

Aporte. Considero que uma contribuição de Steiner à Conscienciolgia reside no cultivo da lucidez e do discernimento, centrado na atividade do pensar, para a autopesquisa da pensenização e a qualificação parapsíquica. O objetivo é o alinhamento interdimensional do trabalho a ser realizado aqui e agora, na Terra, isto é, a mais plena recuperação de cons e a consecução da proéxis. Por ora, admite-se ao menos que essa contribuição seja histórica, ajudando a compreender movimentos precursores do paradigma consciencial.

Contribuição. Mas, para saber se há algo de novo para a prática, a ser resgatado nessa contribuição, o desenvolvimento parapsíquico segundo o método de Steiner precisaria ser objeto de autoexperimentação sistemática.

Abertismo. Na perspectiva interparadigmática de abertismo consciencial, a aplicação do método de Steiner pode enriquecer as reflexões conscienciológicas sobre a consciência integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faculdades. O estudo destes três livros de Steiner possibilitou identificar faculdades ligadas à ciência da natureza físico-sensorial do espaço-ambiente das formas de vida, a saber, a percepção, a representação mental, a conceituação, o discernimento e as faculdades suprassensoriais de clarividência e clariaudiência.

Perspectivas. Com essa distinção de faculdades e de fundamentos da cientificidade e autocientificidade da busca de conhecimento da consciência, perspectivas interparadigmáticas de fundamentação e autoexperimentação se abrem para prosseguir no estudo conscienciológico das relações entre intraconsciencialidade e multidimensionalidade.

Proposições. 1. A análise do *microuniverso* consciencial, entendida por um método, com base na regularidade do livre pensar, considerada a faculdade suprema da consciência na busca de conhecimento; 2. A análise do *mesouniverso* consciencial, lugar de manifestação da dinâmica intraconsciencial de atividade simbólica, ideativo-imagética, mediadora entre a consciência e as realidades multidimensionais; e 3. A análise do *macrouniverso* consciencial, ampliação cognitiva máxima de conexões interconscienciais e interdimensionais, mediante o desenvolvimento parapsíquico sistemático e a elucidação cosmovisiológica e holofilosófica do autoparadigma consciencial.

Propósito. No presente artigo, buscou-se estabelecer uma ponte interparadigmática entre os nexos lógicos da Noociência de Steiner (baseada na cosmovisão de Goethe) e da Conscienciológica, reunindo e estabelecendo algumas correlações para refletir sobre a cientificidade conscienciológica e qualificar a autocientificidade na busca de conhecimentos a respeito da Consciência Integral.

Elo. Considera-se que o estudo empreendido leva 1) a consolidar as convergências entre os paradigmas quanto ao conceito-ponte do *desenvolvimento de faculdades suprassensoriais* e 2) a considerar contribuições ao conhecimento das relações entre intraconsciencialidade, parapsiquismo e multidimensionalidade, na perspectiva da aplicabilidade conscienciológica.

REFERÊNCIAS

- Bryne, P., Herman, J., e Schoutheete, M. (1982) *Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais: os polos da prática metodológica*. 2ª edição. Francisco Alves.
- Gomes, C. (2017) Liberdade: Compromisso Paradireitológico. *Estado Mundial: Revista de Paradireitologia*. Ano 2, N. 2, Juriscons, pp. 153-158. <http://www.reposicons.org/handle/123456789/7628>
- IIPC-Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (2007). *Curso Integrado de Projeciologia: Teoria e Prática da Experiência Fora do Corpo. Manual de apoio ao professor (vol. 1)*. Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC).
- Jung, C. G. (2015). *A vida simbólica: escritos diversos* [edição Kindle]. Vozes.
- Kauati, Adriana (2014). Autopesquisa, Parapsiquismo e Autocientificidade. *Interparadigmas*, Ano 2, N. 2, pp. 7-20. <http://localhost:8080/jspui/handle/123456789/331>
- Sivelli, Fernando R.; Gregório (2020), Marineide. *Autoexperimentografia Projeciológica. Proposição Metodológica para Registro e Análise da Experiência fora do Corpo* [edição Kindle]. Associação Internacional Editares.
- Stédile, Eliane; Diferenciação Pensênica; verbete; In: Vieira, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; Verbetes N. 5.546; apresentado no Tertuliarium / CEAEC, Foz do Iguaçu, PR; 11.04.2021; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete>>; acesso em: 25.03.2023; 18h11.
- Steiner, Rudolf (2000). *A filosofia da liberdade: Fundamentos para uma filosofia moderna*; tradução de Marcelo da Veiga. 3ª edição. Antroposófica.
- Steiner, Rudolf (2004). *O método cognitivo de Goethe: Linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana*; tradução Bruno Callegaro, Jacira Cardoso, 2ª edição. Antroposófica.
- Steiner, Rudolf (2010). *O conhecimento dos mundos superiores (A iniciação)*; tradução de Erika Reimann. 7ª edição. Antroposófica.
- Vieira, Waldo (1994). *700 Experimentos da Conscienciologia*. Instituto Internacional de Projeciologia.
- Zaslavsky, Alexandre (2017). Ponte Interparadigmática. In: Vieira, Waldo, *Enciclopédia da Conscienciologia, Vol. 21* (pp. 17575 a 17580). Associação Internacional Editares.
- Zaslavsky, Alexandre (2021). Métodos Científicos Conscienciológicos: Estudo Exploratório. *Conscientia*, 25(3), 436-446. <http://www.ceaec.org/index.php/conscientia/article/viewFile/1158/1105>

Cilene Gomes é Docente e Pesquisadora de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Arquiteta e Urbanista com mestrado e doutorado em Geografia Humana. Voluntária da Reaprendentia. Docente de Conscienciologia. Pesquisadora dos Colégios Invisíveis de Parapoliticologia, Ressomatologia e Reeducaciologia.

